

PLANETA
FEMEA
—————



Índice Geral

**Uma publicação da
Coalizão de Mulheres Brasileiras**

**Organizada por:
Rosiska Darcy de Oliveira
Thais Corral**

Apoio:

Centro Informação Mulher

International Women's
Health Coalition

Global Fund for Women

Mac Arthur Foundation

Women's Programme /
Dutch Ministry of Foreign Affairs

Grupos e organizações
de mulheres de todo Brasil
colaboraram para viabilizar
o Planeta Fêmea

Comissão Organizadora do
Planeta Fêmea:

Rosiska Darcy de Oliveira
(IDAC / coordenadora da
Coalizão de Mulheres
Brasileiras)

Thais Corral (REDEH)

María Aparecida Schumacher
(REDEH / COMULHER)

Sônia Alves Calló (CIM)

Sônia Corrêa (SOS - CORPO)

...a situação é a seguinte: há um grupo de pessoas que se dedica a trabalhar para a defesa da liberdade e da democracia. Este grupo é formado por pessoas de diferentes idades e profissões, mas todas com um objetivo comum: lutar pela liberdade e pela democracia. Este grupo é formado por pessoas de diferentes idades e profissões, mas todas com um objetivo comum: lutar pela liberdade e pela democracia.

...a situação é a seguinte: há um grupo de pessoas que se dedica a trabalhar para a defesa da liberdade e da democracia. Este grupo é formado por pessoas de diferentes idades e profissões, mas todas com um objetivo comum: lutar pela liberdade e pela democracia.

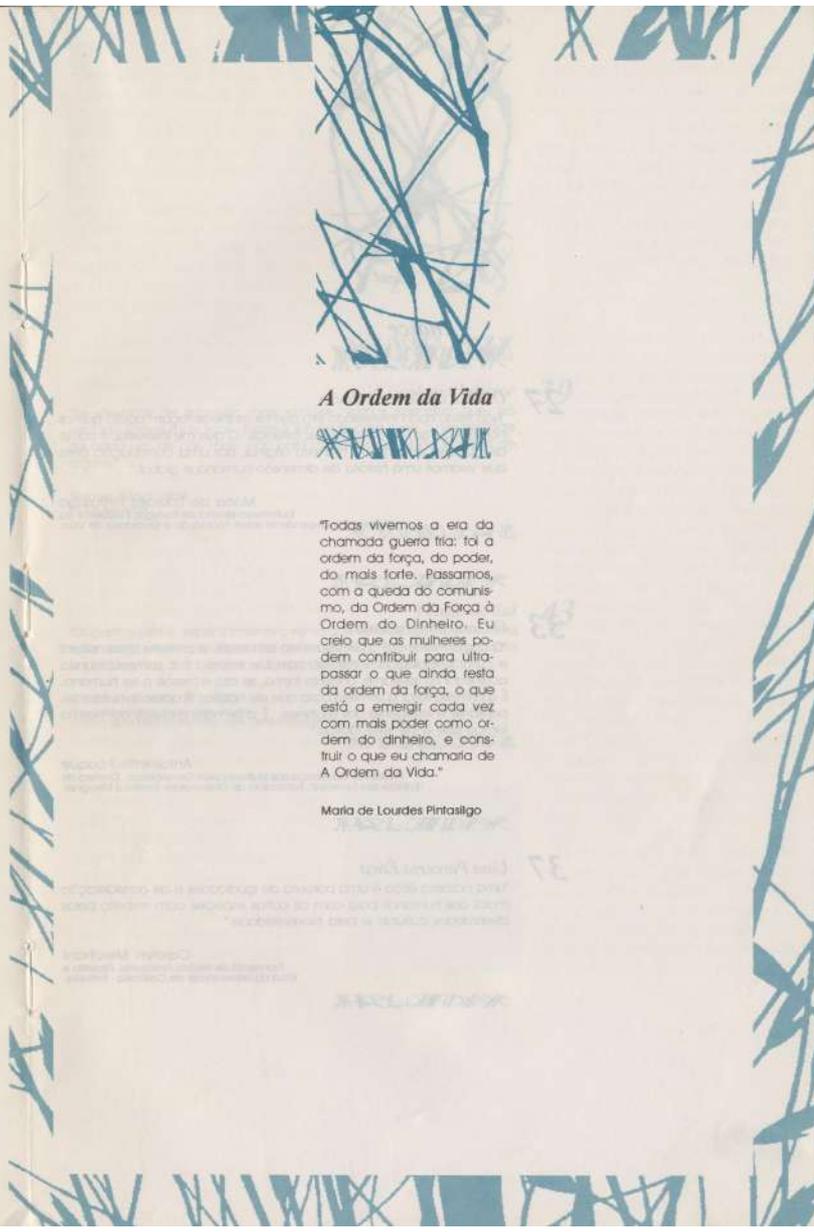
...a situação é a seguinte: há um grupo de pessoas que se dedica a trabalhar para a defesa da liberdade e da democracia. Este grupo é formado por pessoas de diferentes idades e profissões, mas todas com um objetivo comum: lutar pela liberdade e pela democracia.



...a situação é a seguinte: há um grupo de pessoas que se dedica a trabalhar para a defesa da liberdade e da democracia. Este grupo é formado por pessoas de diferentes idades e profissões, mas todas com um objetivo comum: lutar pela liberdade e pela democracia.

...a situação é a seguinte: há um grupo de pessoas que se dedica a trabalhar para a defesa da liberdade e da democracia. Este grupo é formado por pessoas de diferentes idades e profissões, mas todas com um objetivo comum: lutar pela liberdade e pela democracia.

...a situação é a seguinte: há um grupo de pessoas que se dedica a trabalhar para a defesa da liberdade e da democracia. Este grupo é formado por pessoas de diferentes idades e profissões, mas todas com um objetivo comum: lutar pela liberdade e pela democracia.



A Ordem da Vida



"Todas vivemos a era da chamada guerra fria: foi a ordem da força, do poder, do mais forte. Passamos, com a queda do comunismo, da Ordem da Força à Ordem do Dinheiro. Eu creio que as mulheres podem contribuir para ultrapassar o que ainda resta da ordem da força, o que está a emergir cada vez com mais poder como ordem do dinheiro, e construir o que eu chamaria de A Ordem da Vida."

Maria de Lourdes Pintasilgo

...a situação é a seguinte: há um grupo de pessoas que se dedica a trabalhar para a defesa da liberdade e da democracia. Este grupo é formado por pessoas de diferentes idades e profissões, mas todas com um objetivo comum: lutar pela liberdade e pela democracia.

...a situação é a seguinte: há um grupo de pessoas que se dedica a trabalhar para a defesa da liberdade e da democracia. Este grupo é formado por pessoas de diferentes idades e profissões, mas todas com um objetivo comum: lutar pela liberdade e pela democracia.

...a situação é a seguinte: há um grupo de pessoas que se dedica a trabalhar para a defesa da liberdade e da democracia. Este grupo é formado por pessoas de diferentes idades e profissões, mas todas com um objetivo comum: lutar pela liberdade e pela democracia.



Índice



27 O Nexó de Sobrevivência

"Não estou nada interessada em que as mulheres façam aquilo que os homens fizeram durante séculos, milênios. O que me interessa, é como as mulheres podem, de maneira original, dar uma contribuição para que vivamos uma história de dimensão humana e global."

Maria de Lourdes Pintasigo
Ex-Primeira-Ministra de Portugal, Presidente da
Comissão Independente sobre População e Qualidade de Vida.



33 O Contrato Humano

"O corpo materno é o primeiro meio ambiente, o primeiro meio natural e cultural, físico-psíquico e mental, carnal e verbal. É o primeiro mundo acolhedor ou rejeitante, onde se forma, se cria e cresce o ser humano. É a primeira terra, a primeira casa que ele habita. A carne viva, falante, pensante e inteligente das mulheres. É a primeira matéria, ao mesmo tempo que a primeira fábrica."

Antoinette Fouque
Presidente da Aliança das Mulheres pela Democracia, Diretora da
"Editions des Femmes", Fundadora do Observatório contra a Misoginia.



37 Uma Parceria Ética

"Uma parceria ética é uma parceria de igualdades e de consideração moral dos humanos para com as outras espécies com respeito pelas diversidades culturais e pela biodiversidade."

Carolyn Merchant
Professora de História Ambiental, Filosofia e
Ética da Universidade da Califórnia - Berkeley.



A Ecologia Interior

"Se vivermos de maneira mais simples, vamos descobrir que, na verdade somos mais ricos. Existe o suficiente para suprir a necessidade de cada um de nós, mas não para atender a ambição limitada de alguns."

Shirley MacLaine
Atriz e escritora



Ventos do Sul

"Ouçam o vento, especialmente o vento que vem do Sul. Não me refiro apenas ao vento que sopra das países da Ásia, África, América Latina e Caribe, mas, também, à voz do movimento de mulheres."

Corinne Kumar D'Souza
Cientista política, pesquisadora do
Centro para Educação Infantil e Desenvolvimento.



... e a mulher, como sempre, é o centro...
... e a mulher, como sempre, é o centro...
... e a mulher, como sempre, é o centro...

39

... e a mulher, como sempre, é o centro...
... e a mulher, como sempre, é o centro...
... e a mulher, como sempre, é o centro...

43

... e a mulher, como sempre, é o centro...
... e a mulher, como sempre, é o centro...
... e a mulher, como sempre, é o centro...

Vamos partir da afirmação das mulheres como sujeito da História. Todas nós temos afirmado essa presença das mulheres e essa possibilidade de intervenção como sujeito da História. Eu gostaria de o ver a três níveis.

O primeiro nível é o da passagem de objeto a sujeito, mas queria insistir em que é uma passagem do corpo-objeto, objeto de opção, objeto de observação, objeto de exposição, objeto das leis do mercado, ao corpo vivido e sujeito, o único que é de fato definidor da natureza humana. Este corpo vivido e sujeito, sempre habitado por um projeto, com a continuidade de decisão que nos permite dizer *eu*, e em que a ética delinea um quadro de dinamismo. Portanto, a afirmação de que a mulher é sujeito da História supõe a continuidade do eu, supõe o projeto, supõe este quadro de dinamismo e de iniciativa. Um segundo ponto igualmente importante é que essa intervenção dinâmica e com iniciativa leva à afirmação de uma consciência pessoal crítica, face à História e ao momento concreto que cada uma de nós está vivendo. O que supõe a análise dos acontecimentos e das idéias, supõe a interligação do agir pessoal à cidadania, com um movimento coletivo do aprofundamento e da criação de uma democracia para o nosso tempo. É paradigmático que Antoinette Fouque, tendo sido uma das grandes iniciadoras do movimento de libertação das mulheres nos anos 70, tenha feito a *démarche* que leva atualmente a conduzir o movimento, uma aliança para a democratização da sociedade. Parece-me que este processo, vivido por uma das representantes mais notáveis do



O Nexo da Sobrevivência

Maria de Lourdes Pintasilgo

7



movimento de mulheres nos últimos 30 anos, tem sem dúvida um aspecto paradigmático para todas nós e para cada uma de nós. Esta consciência crítica pessoal face à História não pode limitar-se apenas à denúncia daquilo que a mulher vive enquanto mulher, aquilo que quando eu era jovem chamavam de problemas das mulheres. Mesmo que essa área dos problemas das mulheres se tenha transformado em uma reivindicação, em uma denúncia, é ainda muito limitada face àquilo que cabe à mulher enquanto sujeito da História. Essa consciência hoje significa uma responsabilidade pessoal entrosada numa responsabilidade global. E ninguém pode, mesmo a partir do seu lugar concreto, limitar-se a esse lugar - tem que o ver sempre fazendo parte de um sistema que é mais amplo, de natureza global. Insisto nisso porque, mesmo que as discussões oficiais sigam uma trajetória que pareça tocar na moral dos problemas, estamos ainda no princípio de uma afirmação e de uma compreensão do que é essa realidade global.

Em terceiro lugar, a mulher, quando sujeito da História, é - e não tenho que o sublinhar muito - a solidariedade das mulheres em movimento, e de novo estou a pedir emprestada uma expressão de Antoinette Fouque, mulheres em movimento como ingrediente único para o modelar da História. *Mas lhes digo que não estou nada interessada em que as mulheres façam aquilo que os homens fizeram durante séculos e milênios. O que me interessa, e é a minha tentativa, é procurar como é que as mulheres podem, de maneira original, dar um contri-*

bufo para que vivamos uma História de dimensão humana e de dimensão global.

Estamos no início de uma nova Era. Não há dúvida de que a Conferência do Rio deve levar a nós mulheres a uma percepção de que esta Era se pode começar. E o que deixamos para trás? Para trás está o pensamento linear, aquele que segue um raciocínio não interrompido, e que pensa que não há descontinuidades, que não compreende o zigzague que as mulheres intuitivamente compreendem, que não compreende a circularidade do real, o fato de que todas as coisas estão rodando umas em volta das outras, e entrosando-se umas nas outras, significa este esquema hiper-simplista que já o nosso grande mestre Paulo Freire nos ensinou, que era completamente errado pensar que cada causa tem um só efeito e que cada efeito tem uma só causa. O que é, mesmo em termos científicos, absolutamente a pré-ciência. Isso não tem nada a ver com a ciência: sabemos bem que cada causa produz numerosos efeitos, e por seu turno cada efeito é a conjugação de numerosas causas, umas visíveis, outras ainda historicamente invisíveis. Estamos ainda, em termos para trás de nós, na noção que herdamos sem dúvida do contexto judaico-cristão, num progresso ilimitado. Os homens transpuseram para a sociedade em que vivemos a noção messiânica da História que pertence a outro nível, e daí pensarem que o progresso realmente é ilimitado, em todos os domínios, e que o homem pode fazer tudo, pode saber tudo, pode criar tudo. Vimos ainda de uma época em que há uma uni-



na história
da humanidade
que se tornou
uma realidade
concreta



dade dialética sempre entre dois termos opostos. Não sabemos trabalhar senão com dois, em relação binária, naturalmente de oposição, o que conduz às vezes a alguma síntese criadora mas também a um desperdício de idéias enormes; a um pensamento não ecológico enquanto pensamento, cheio de desperdícios, cheio de resíduos, alguns bastante tóxicos. Para trás de nós fica por isso mesmo um *approach* que era disciplinar, setorial e compartimentado. E este *approach*, sabemos hoje, não conduz a nada.

A Conferência do Rio, nas instâncias de tomada de decisão política, está sendo uma fratura radical neste tipo de pensamento, porque diante de nós surgem relações de múltiplas formas, limites do conhecimento, limites da Terra, limites de nós mesmos na nossa capacidade de ser e de pensar, e não no que me respondiam há três ou quatro anos umas jovens em pós-graduação de países mais industrializados, que diziam "a nossa vida é muito diferente das vidas de nossas mães, porque para nós a liberdade é ilimitada, tudo é possível". Esta é uma nova utopia, uma nova crença, que importa perceber que se está ainda no esquema anterior, visto que estamos a lidar com uma civilização de limites, e limites não estamos já numa unidade só de dois termos, mas numa unidade de sistemas, em que tudo tem a ver com tudo. E por isso somos conduzidos a um *approach* interdisciplinar, intersetorial e a um pensamento e a uma gestão integrada de todas as questões. É minha convicção que esta nova Era está presente na experiência multiforme das mulheres

quando somos capazes de abarcar mais do que só nossa pequena realidade. Se mergulhamos em nossa história coletiva, e em nossa história pessoal, encontramos já indícios de que esta nova Era está presente.

A Conferência do Rio trouxe de forma clara dois termos, ambiente e desenvolvimento, o que corresponde a um grande progresso na temática sempre setorial da Organização das Nações Unidas. É um desenvolvimento que hoje, e é extremamente interessante ouvir as referências no plenário, já não é apenas o crescimento econômico, já não é um conjunto de pequenas adições em que se pensa que o desenvolvimento vai acontecer fruto de todas essas causas, mas o desenvolvimento aparece como um fenômeno societal, em que é fundamental toda a dimensão qualitativa das questões. No entanto, penso que há ainda uma grande limitação nesta equação ambiente e desenvolvimento, porque os dois fazem parte de uma equação muito mais ampla, que já foi indicada aqui, ambiente, desenvolvimento, pobreza, modelos de consumo, população, como problemas autônomos, mas interdependentes uns dos outros, tendo como interface de cada dois conjuntos a ciência e a tecnologia nas suas dimensões políticas, econômicas e geoestratégicas.

O *nexo da sobrevivência*, é uma equação, um conjunto de múltiplas entradas, são múltiplas equações de múltiplas variáveis. Não é um problema simplista de causa e efeito. Neste particular, falta algo, a luta contra a pobreza, com a



economia de mercado, o crescimento econômico, o desenvolvimento. Por que dizer-se que o mundo já não tem ideologias - não é verdade -, temos uma grande ideologia neste momento, que é a ideologia do mercado, na convicção de que o mercado pode resolver todos os problemas e que ele tem, como dizem os economistas e as grandes organizações internacionais, leis naturais. Quando os meus amigos latino-americanos dizem "o continente latino-americano está marginalizado", isto quer dizer (e os africanos mal podem dizer isto porque a África sequer é marginalizada, é como se não existisse pura e simplesmente aos olhos dos grandes tomadores de decisões), que eles estão justamente a apontar para uma das consequências dessa ideologia, baseada unicamente na concorrência e na competitividade, que deixa necessariamente de fora os pobres, os diminuídos, os vulneráveis, os não organizados, como somos todos os pobres do Sul. Essa marginalização acontece ao nível do planeta e em cada uma das sociedades. Por isso, é fundamental a criação de estratégias específicas dirigidas diretamente contra a pobreza. Numa economia que vai entrar, ou que entra, ou que já está dentro do jogo do mercado a nível mundial, é necessário em cada sociedade um outro tipo de economia que tenha como objetivo os camadas pobres. É claro que podem levantar a questão de como conciliar estas duas economias. É uma tarefa de investigação experimental, que cabe tanto aos economistas como a todas nós que trabalhamos com a população na sua vida concreta e

diária, longe das generosidades ideológicas dos anos 60 e 70, mas sem dúvida muito próximo daquilo que é a grande problemática da economia hoje.

Se formos capazes de delinear essa estratégia, teremos consequências enormes no ambiente, na população, no desenvolvimento, tudo isso vai se transformar.

Um outro exemplo que queria dar é o do outro extremo da escala - como modificar os modelos de consumo, sem fazer um discurso moral dirigido ao indivíduo, mas enquanto estrutura e política de cada sociedade, garantindo ao mesmo tempo o crescimento econômico, e que é necessário pela interdependência de todas as economias à escala do mundo. Ora bem, desde há cerca de três anos estou à procura de alguns economistas que possam formular esta questão, como modificar o esquema do consumo, o modelo de consumo, garantindo ao mesmo tempo o crescimento econômico. Tenho a dizer que não encontrei ainda a solução, nem no MIT, nem no London's School of Economics, nem nos institutos mais prestigiados de economia. Não há nenhum economista que se tenha debruçado a fundo sobre este problema. Não sei se o começo, por isso, é pela ciência ou se é pela nossa prática, justamente sendo as mulheres as maiores agentes do consumo (elas é que fazem a ligação entre a produção e o consumo), talvez uma reflexão por parte das mulheres seja um aspecto muito importante neste domínio. O domínio da ciência e da tecnologia é fundamental, enquanto elemento subjacente a este nexo da sobrevivência. No mundo



da pobreza a tecnologia vive enquanto ausência, ela não existe, não está lá, não está presente, e a pobreza só vive as consequências da tecnologia, das megacidades, dos resíduos dos estabelecimentos humanos e das unidades industriais, enquanto nas sociedades industrializadas a tecnologia cria necessidades artificiais, constrói mediações técnicas de tal maneira que as relações interpessoais se encontram divididas. Na Europa, quando encontramos alguém que há muito tempo não víamos, e dizemos, Ah! gostava imenso de conversar contigo, a pessoa diz, deixa-me ver a minha agenda, talvez daqui a 15 dias. Onde está o desejo do encontro, onde está a comunicação entre as pessoas, onde está a espontaneidade da vida para além das mediações técnicas? Ainda queria denunciar duas coisas que estão presentes também no Riocentro. Por um lado, é o reconhecimento hoje, e quem o diz é um homem notável no domínio da ciência, Ilya Prigogine, em seu último livro. É que hoje somos muitos aqueles que estamos convencidos e conscientes de que os fenômenos da natureza são irreversíveis. Mas o homem é tão louco, o homem em si mesmo, que há pouco tempo, numa conferência de grandes peritos sobre questões de energia, um deles dizia "não vai ser possível virar do plutônio ao urânio enriquecido e depois ao urânio tal como ele existia", sem compreender que, no fundo, era um homem político, considerado perito em questões estratégicas, sem compreender que há fenômenos na natureza que são totalmente irreversíveis, e esta irreversibilidade tem que

ser tomada em linha de conta numa política que as mulheres realizem, tendo como foco o nexo da sobrevivência. É porque há fenômenos irreversíveis que, ao nível do ambiente, ficar apenas satisfeito com a frase - "o poluidor paga", não chega. O poluidor paga, mas, quando poluiu, já criou o fenômeno irreversível. Portanto, o problema não é só o poluidor pagar, o problema é cortar na raiz a produção que é poluidora. Esta é a grande questão que raros políticos têm a coragem de definir.

Um outro problema que está presente na Conferência do Rio é aquele que eufemisticamente se chama transferência de tecnologia. Quero deixar claro que a chamada transferência de tecnologia é um dos elementos fundamentais da ideologia de mercado. É um processo de compra e venda como outro qualquer, sujeito exatamente às mesmas leis, e isto significa que o Norte vende ao Sul tecnologias poluentes. Isto está também ligado a um problema fundamental, que é este em que estamos, como estiveram o Japão e a Coreia do Sul, numa lógica de copiar o processo de 200 anos de industrialização dos países ricos. Ou acreditamos que é possível fazer um curto-circuito? Que é possível justamente introduzir no Hemisfério Sul tecnologias novas, que terão que ser acompanhadas de novos mecanismos de ajuda ao desenvolvimento. Isto exige, entre outras coisas, que o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, cuja tarefa é manter a paz através da economia e do bem-estar social, cumpra realmente a sua missão. Nas Nações Unidas devíamos ter dois Conselhos de Segu-



rança, e não há dúvida de que o texto da Carta das Nações Unidas permite esta realidade. Diz exatamente isto: a paz constrói-se no mundo da militarização, mas constrói-se ao mesmo tempo no mundo da economia e das questões sociais. É claro que isto tem imensas implicações, implicações radicais, utilizando, por exemplo, uma parte do trilhão de dólares das despesas militares para o combate à pobreza, abertura de mercados, que estão atualmente limitados aos três grandes poderes, ao triângulo Japão, CEE e Estados Unidos: 80% do comércio internacional passa-se entre estes três. Enquanto o resto do mundo se encontra marginalizado. A América Latina passou de uma participação de 14% no comércio internacional a uns meros 6%, porque tudo está hiperprotegido pelos fortes e poderosos. Isto significa também, e fazemos a ligação com os modelos de consumo-maior poupança nos países industrializados. O que este nexo de sobrevivência com esta dimensão científica e tecnológica tem que ver com as mulheres? Durante muitos anos, nós todas ouvimos dizer que há uma grande ligação entre as mulheres e a vida, as mulheres são portadoras de vida, as mulheres são encaradas como símbolos de vida. É claro que isto tem imensas deformações, mas o que me parece fundamental é utilizar esta expressão no contexto de uma nova Era. *Todas vivemos a era da chamada guerra fria: foi a ordem da força, do poder, do mais forte. Passamos, com a queda do comunismo, da Ordem da Força à Ordem do Dinheiro. Eu creio que as mulheres podem contribuir*

para ultrapassar o que ainda resta da ordem da força, o que está a emergir cada vez com mais poder como ordem do dinheiro, e construir o que eu chamaria de A Ordem da Vida. E neste sentido, o nexo da sobrevivência é o aspecto mais importante da tarefa que temos diante de nós. Isto significa abandonar os nossos comportamentos individuais e coletivos, toda e qualquer tentativa



de cedência ao star-system, de cedência aos mais poderosos, e encontrarmos o caminho dentro de nós, da nossa própria humildade, do limite que temos em nós, o limite de leis, do que cremos e podemos fazer, de nossa própria duração histórica, e humildemente e com sabedoria fazê-lo entrar na História. Então, sim, as mulheres poderão criar uma nova Era e será a ordem da vida.

8

